



Foucault e a pesquisa educacional em arte

Art education research in Foucault

Marcilio de Souza Vieira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este texto objetiva compreender como a obra de Foucault pode contribuir para a pesquisa educacional reconhecendo essas contribuições para o conhecimento na área da educação. *Medéia e Hamlet*, respectivamente dos tragediógrafos Eurípides e Shakespeare são possibilidades de exploração da loucura, da sexualidade e da linguagem que podemos encontrar nas obras de Foucault. Pensamos esta abordagem como lições que norteiam o pensamento de Foucault acerca da pesquisa educacional em Arte, embora o filósofo não tenha escrito sobre educação, mas exemplifica em suas obras, artistas e obras de arte que nos ajudam a compreender a loucura, a linguagem e a sexualidade e discuti-las nas aulas de Arte, em especial, nas aulas de teatro.

Palavras-chave: Arte. Educação. Lições foucaultianas.

Abstract

This objective text aim to understand how the workmanship of Foucault can contribute for the educational research evaluating these contributions for the knowledge in the education area. *Medéia and Hamlet*, books written by of the tragediography Eurípides and Shakespeare respectively, are possibilities of madness exploration, the sexuality and the language that we can find in the workmanships of Foucault.

Keywords: Art. Education. Foucault lessons.



Por que Foucault e a pesquisa em educação/arte?

Foucault nos abre um amplo leque para se estudar suas obras sob a perspectiva da pesquisa educacional em Arte. Temas como a loucura, a linguagem e a sexualidade podem ser estudados em obras de arte a exemplo das peças *Medéia* e *Hamlet*, respectivamente dos tragediógrafos Eurípides e Shakespeare. Essas possibilidades de estudo das obras foucaultianas e a pesquisa educacional em Arte nos levaram a questionar: Quais os riscos que corremos com a reprodução de Shakespeare ou Eurípides na cena? Que problemas podem ser reproduzidos a partir da tentativa do homem de produzir suas idéias? O que significa e o que apresenta essas obras de arte às ciências humanas? Pensamos essa abordagem como lições que norteiam o pensamento de Foucault acerca da pesquisa educacional em Arte, embora o filósofo não tenha escrito sobre educação, mas exemplifica em suas pesquisas, artistas e obras de arte que nos ajudam a compreender a loucura, a linguagem e a sexualidade e discuti-las nas aulas de Arte, em especial, nas aulas de teatro.

Este texto objetiva compreender como a obra de Foucault pode contribuir para a pesquisa educacional reconhecendo essas contribuições para o conhecimento na área da Educação e da Arte.

Foucault questiona a verdade, a produção do conhecimento nas ciências humanas, o sujeitamento do sujeito e a produção das subjetividades. Apesar de não escrever sobre Educação, deixa a lição de contestação de irreverência para a produção do novo, na tentativa de se fazer diferente. De seus inscitos, fica a disciplina, a atenção que tinha com o entorno, sintonia para perceber o que estava acontecendo ao seu redor, a idéia de que vivemos numa sociedade disciplinar, de autocontrole, coisa que nenhum outro filósofo havia percebido.

Lições de verdade e ciência

Não dá para pensar na idéia de ciência e verdade sem estabelecer relações com Foucault. Logo, esse diálogo vai se dar com a Filosofia, com a Arqueologia, com a Ética e com a Moral. A ciência, para esse filósofo, é um conhecimento que produz relações de domínio; nessas relações, ela, a ciên-

cia, se coloca como portadora da verdade, por isso, o filósofo questiona-a. (FOUCAULT, 1979; 1995).

Para Foucault, a ciência não é uma consciência de si mesma mais real do que os outros conhecimentos, mas ela se coloca como o conhecimento capaz de descrever o real porque é na produção do conhecimento científico que está toda a verdade. A ciência se transforma em conformidade com o real para se estabelecer nas relações sociais como uma conduta de poder e domínio sobre o homem. A ciência, para ele, é um conjunto de discursos repetitivos com códigos, normas e práticas; logo a ciência é discurso que tem um código regido por normas; em suma, a ciência é poder.

A ciência, dessa forma, nasce num determinado contexto histórico e para Foucault ela não é um conhecimento que está acima das relações sociais e sim um saber produzido nessas relações sociais. O filósofo estabelece uma relação de crítica à Filosofia da Ciência e a Epistemologia, pois, para ele, a racionalidade é a grande tragédia humana. Para Foucault, os epistemólogos não conseguem fugir à cientificidade; essa crítica à cientificidade presente, na Filosofia da Ciência e na Epistemologia, é fundante no pensamento de Foucault, pois, para ele, ambos os saberes partem da verdade científica.

152

Foucault vai tentar construir um outro conceito de ciência para se contrapor a idéia de saber, a construção dessa idéia é uma contraposição à idéia de ciência. Na contraposição dessa idéia de saber, o filósofo inaugura na obra História da Loucura a fase arqueológica de seu trabalho. Ele trabalha nessa obra com os saberes que configuram a história da loucura. Esses saberes são o tempo todo colocados em contraposição à ciência. Há, na citada obra, uma descrição dos saberes que antecede a Psiquiatria como ciência instituída, pois ao mesmo tempo que faz a historicização desses saberes, também faz crítica à ciência. O saber, dessa forma, vai sendo construído como uma idéia em contraposição à ciência, entretanto o filósofo não perde de vista o poder do conhecimento científico, Foucault (2005).

Na História da Loucura, Foucault recorre a uma infinidade de áreas, tais como: a Filosofia, a Arquitetura, a Psiquiatria e a Arte para descrever a loucura.

A loucura é a forma mais pura, mais total do quiproquó: ela toma o falso pelo verdadeiro, a morte pela vida, o homem pela mulher, a enamorada pelo Erineu e a vítima por Minos. Mas é também a



forma mais rigorosamente necessária do qüiproquó na economia dramática, pois não necessita de nenhum elemento exterior para chegar ao verdadeiro desfecho. Basta-lhe impelir sua ilusão até o ponto da verdade. [...] Ela marca o ponto para o qual converge, aparentemente, o destino trágico das personagens, e a partir do qual partem de fato as linhas que conduzem à felicidade reencontrada. Nela se estabelece o equilíbrio, mas ela oculta este equilíbrio sob a névoa da ilusão, sob a desordem fingida [...]. (FOUCAULT, 2005, p. 41).

Na loucura, Foucault põe em xeque valores de outras épocas, de outra Arte, de outra Moral. Enumera alguns tipos de loucura que, na literatura e no teatro, são bastante evidentes: A loucura pela identificação romanesca em *Dom Quixote* de Cervantes e *Rei Lear* de Shakespeare, a loucura da vã presunção, do justo castigo e da paixão desesperada em *Medéia* de Eurípedes e *Hamlet* de Shakespeare. Nos autores citados, a loucura sempre ocupou um lugar extremo no sentido de que ela não tem recurso; ela opera sempre sobre o dilaceramento. São loucuras que, segundo Foucault (2005), não precisa de médicos, mas, apenas, de misericórdia.

Em se tratando da obra de arte, “[...] na obra de Shakespeare, são as loucuras que se apresentam com a morte e o assassinato. Na de Cervantes, as formas que se entregam à presunção e a todas as complacências do imaginário.” (FOUCAULT, 2005, p. 39).

Em *Medéia*, sua loucura era instituída a partir da rejeição. “Enquanto tinha um objeto, o amor louco era mais amor que loucura; abandonado a si mesmo, persegue a si próprio no vazio do delírio.” (FOUCAULT, 2005, p. 38). Personagem intensamente humana, *Medéia* luta entre o amor e o ódio, a fraqueza e a força, a ternura e a maldade. Para a princesa da *Cólquida*, a morte é o limite; poder matar para poder viver era o princípio tático de *Medéia*. “O direito que é formulado como de vida e morte é, de fato, o direito de causar a morte ou o de deixar viver.” (FOUCAULT, 1988, p. 128).

A loucura de *Medéia* transcende seus limites físicos e sua paixão exacerbada por Jasão. Em seu instinto de vingança, cega e louca por um amor não correspondido sentencia: “Possa eu vê-los, a ele e a essa mulher, reduzidos a pedaços neste palácio, porque, em primeiro lugar, violam contra mim a fé jurada [...].” (EURÍPIDES, 1976, p. 13).

Questionemo-nos: Em seu princípio tático, em que a morte era o limite, *Medéia* pode ser considerada como uma louca? Seu temperamento beirava a loucura? Sabendo-se abandonada por Jasão, sua razão tornou-se loucura?

Na loucura, a razão ou o seu progresso desaparece. Para Foucault (2005), desaparece porque faz aparecer em seu discurso as práticas cotidianas. Em *Medéia*, vemos a loucura fora da loucura, dentro do contexto das relações sociais. Será que *Medéia*, na sua desrazoável razão, não mais proferia sabedoria, tornando-se, se não cumprisse a sua meta de vingança, um entretenimento popular? Parece que a loucura se presta a essa colocação de alguma coisa própria indesejável no outro. Seria o amor de *Medéia* produto de expectativas e frustrações?

Em sua loucura pelo amor não correspondido, a princesa da *Cólquida* jurava vingança àqueles que lhe destruíram moral e amorosamente, sua sede de vingança também foi lançada ao Rei Creonte e sua filha que estava prometida a Jasão, no entanto a princesa da *Cólquida*, deusa nefasta, não deixou passar em brancas nuvens seu desejo de vingança determinado pela sua loucura.

154

Mas vede a que ponto de demência chegou ele: enquanto poderia arruinar meus intentos, enxotando-me deste país, ainda me concede um dia; e esse dia me bastará para fazer perecer três dos meus inimigos, o pai, a filha e meu esposo. Inúmeros meios se me oferecem para lhes dar a morte, não sei, minha amiga, qual escolher. Devo atear fogo em seu palácio nupcial, ou lhes mergulhar no coração uma lâmina afiada, após haver penetrado em silêncio na câmara onde está armado o seu leito? Um só obstáculo me detém: se fosse surpreendida, atravessando a soleira e preparando minha vingança, eu seria morta, e me transformaria no gracejo de meus inimigos. Mais vale ir direto a eles pelo caminho em que nos avantajamos, fazendo-os perecer pelo veneno. Pois bem! Ei-los mortos. (EURÍPIDES, 1976, p.21).

Seus atos de maldade parecem encontrar uma justificativa na rejeição de que foi vítima, no sofrimento que desaba sobre ela, no duplo crime de Jasão: perjúrio, pois lhe jurara amor eterno; e a ingratidão, pois lhe voltara às costas sem recompensá-la pela ajuda passada.

A loucura e, de certa forma, o cárcere trazem à tona pesquisas modernas na medicina e na psiquiatria e Foucault aproveita para criticar as



instituições de encarceramento dos loucos. Questiona o manicômio como instituição. À medida que a loucura vai sendo “internada” se ressaltam conceitos de sensatez; a loucura é associada a um comportamento insensato veiculado a idéias/práticas morais. O filósofo as identifica a uma descontinuidade da loucura e a cura vem da necessidade da alteração da sanidade. Nesse sentido, é preciso construir mecanismos/tratamentos à cura da insensatez. (FOUCAULT, 2005; STRATHERN, 2003).

A loucura é tratada no nível da percepção foucaultiana na Idade Clássica. Nessa época, em destaque, se constrói a imagem do sujeito que, para Foucault, não é louco, mas diferente. A Idade Clássica vai construir o solo positivo para a construção da Psiquiatria que vai configurar a idéia de louco para a construção da narrativa foucaultiana de loucura. A loucura, então, é vista pelo filósofo como um poder não abafado, “A loucura torna-se uma das próprias formas da razão [...] só tem sentido e valor no próprio campo da razão.” (FOUCAULT, 2005, p. 33).

Vejamos uma das falas da personagem Ofélia da peça teatral *Hamlet* de Shakespeare em que a alegria suave, reencontrada não a reconcilia com felicidade alguma.

Que transtornado está este nobre espírito! O olho do cortesão, a língua do letrado, o gládio do guerreiro; a esperança e a flor do belo Estado; o alvo das deferências, como decaiu! E eu, entre as damas a mais triste e infortunada, que o favo lhe provei das juras musicais, agora vejo como sinos dissonantes. Em descompasso a badalar fora de tom, àquela soberana e esplendida razão: Mirada pela insânia a ímpar forma e aspecto da juventude em flor! Ai, mísera de mim, ter visto o que já vi, ver o que vejo agora... (SHAKESPEARE, 1976, p. 112-113).

Ao analisar a história da loucura, Foucault coloca em prática, do ponto de vista teórico, o poder da percepção de mostrar-nos como nós nos vemos, nos imaginamos; a imagem que se constrói do outro. Essa imagem é refletida na obra *História da Loucura* quando o filósofo aborda e caracteriza a “nav dos loucos”; ele se apropria da percepção que se tem do louco encontrada nas diversas áreas do conhecimento como a Arte e a Literatura, por exemplo.

A denúncia da loucura torna-se a forma geral da crítica. Nas farsas e nas sotias, a personagem do Louco, do Simplório, ou do Bobo



assume cada vez maior importância. Ele não é mais, marginalmente, a silhueta ridícula e familiar: toma lugar no centro do teatro, como o detentor da verdade – desempenhando aqui o papel complementar e inverso ao que assume a loucura nos contos e sátiras: Se a loucura conduz todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios, ele é a comédia em segundo grau, o engano do engano. Ele pronuncia em sua linguagem de parvo, que não se parece com a da razão, as palavras racionais que fazem a comédia desatar no cômico: ele diz o amor para os enamorados, à verdade da vida aos jovens, a medíocre realidade das coisas para os orgulhosos, os insolentes e os mentirosos. (FOUCAULT, 2005, p. 14).

156 Foucault via a loucura fora da loucura, dentro do contexto das relações sociais. O louco se transforma em um ser desrazoável quando a loucura passa a fazer parte da história da Psiquiatria. “A loucura está em ser secretamente razão [...] o louco e a loucura são estranhos um ao outro: cada um deles retém em si sua verdade como que confiscando-as para si mesmos.” (FOUCAULT, 2005, p.206, 207). A razão, dessa forma, reina suprema e inquestionável; há nessa supremacia a idéia de que o louco é uma pessoa sem razão. O louco não mais proferia sabedoria, se tornou, na Idade Clássica, um entretenimento popular.

Notadamente, se *Medeia*, em sua loucura, não se posicionasse tornaria naquele reino um entretenimento popular ou como diz Foucault um personagem em sua ambigüidade que ameaça vertiginosamente e se torna ridículo diante dos homens. A heroína em sua dor, negada pelo seu amor e prestes a ser expulsa de Corinto por Creonte, discorre sobre sua dupla condição que a marginaliza: ser estrangeira e ser mulher. Quando Creonte anuncia sua decisão sobre os rumos da vida da mística princesa, porque ela é, “[...] artificiosa, possui mil perniciosos segredos [...]” (EURÍPIDES, 1976, p. 16), *Medéia* defende-se atribuindo essa astúcia a uma imagem que dela se criou maldosamente, por inveja de sua superioridade; nesse ponto, além de sua loucura, ela molda seu plano de vingança em uma astuta astúcia.

Foucault vai demonstrar que a liberdade do louco e seu prestígio são transformados pela ordem social através dos internamentos e prática de cura. A liberdade deixa de existir quando o louco é classificado pela Psiquiatria,



o sujeitamento estabelecido pelo internamento deixa de existir pela via da linguagem. O louco continua refém da razão médica.

A preocupação de Foucault na História da Loucura é com o solo positivo no qual nasce com a razão e o poder que os médicos têm sobre o louco; há relações de poder e de domínio. Foucault demonstra que a loucura na Idade Clássica esteve ligada à experiência humana, e a Psiquiatria patologizava a loucura e, o louco perde sua verdade que é re-apropriada pelo médico. Logo, na História da Loucura, o filósofo traz mais as imagens do que um conceito sobre a loucura que dá a essa história uma real imagem construída do louco na Idade Clássica. Nessa história contada, não há julgamento, mas uma crítica da razão sobre a des-razão. A razão psiquiátrica se transforma numa des-razão.

Lições sobre o saber, o poder e o sujeitamento

Tomamos, para análise desse eixo temático, o livro As palavras e as Coisas em que Foucault aprofunda e generaliza inter-relações conceituais capazes de situar os saberes constitutivos das ciências humanas, sem pretender articular a formação discursiva com as práticas sociais. Para Foucault, só pode haver ciência humana a partir do momento em que o aparecimento, no século XIX, das ciências empíricas e das filosofias modernas, tematizaram o homem como objeto e como sujeito do conhecimento, abrindo a possibilidade de um estudo do homem como representação, Foucault (1999).

Foucault questiona as verdades estabelecidas pela ciência. Ele coloca os limites dessa ciência que legitima a racionalidade moderna em suas críticas, que são, para ele, indignidade, já que tenta dizer o que são as coisas e as pessoas. Essa indignidade também está relacionada à epistemologia, que para o filósofo é uma impossibilidade da crítica. Sua indignidade, portanto, se localiza no aprisionamento do homem. Em última instância, a ciência julga a filosofia, aliena os homens e os lingüistas, destarte, impedem a liberdade.

O que explica a dificuldade das ciências humanas, sua precariedade, sua incerteza como ciência é a complexidade da configuração epistemológica em que se acham colocadas, sua relação com as três dimensões (ciências matemáticas e físicas, ciências e reflexões filosóficas) que lhes confere espaço.

O homem, para as ciências humanas, não é esse ser vivo que tem uma forma bem particular; é esse ser vivo que, do interior da vida a que pertence inteiramente e pela qual é atravessado em todo o seu ser, constitui representações graças às quais ele vive e a partir das quais detém essa estranha capacidade de poder se representar justamente a vida.

A idéia de homem, seu conceito, só ganhou significado a partir do século XIX, pois, até então, as ciências humanas não receberam do século anterior nenhuma herança ao conceito de homem. A idéia de homem, idéia de pensamento (como esse pensamento se processa), de observar sistematicamente, é uma idéia moderna. Nessa perspectiva filosófica, Foucault propunha uma ciência dinâmica capaz de promover um modelo reduzido; há uma necessidade da ciência de prover os modelos sintéticos em que todo homem pensa a partir das mesmas ferramentas tendo o poder da abstração que é universal construído na realidade do sujeito através da língua, Foucault (1995; 1999).

A língua, para Foucault, é o reflexo, a representação da coisa, impõe o aprisionamento do sujeito. O desafio é verificar como o homem se constitui em objeto de conhecimento do próprio homem, em outras palavras, segundo Foucault (1999, p. 13), “[...] Tal como o espelho, fixa o verso da cena: tanto quanto ao espelho, ninguém lhe presta atenção.”

Percebe-se, nessa temática, que Foucault tenta descrever o momento em que se formam os códigos de uma cultura, em que nos tornamos sujeitos que se comunicam, se inter-relacionam, se intercomunicam através desses códigos. Há uma possibilidade de se entender o homem pela língua, ela não é a representação das coisas; logo, ela não está dentro daquelas. A crítica que Foucault faz é da supervalorização da língua, da palavra. Ele reconhece que a palavra tem força, ao tempo em que parece negá-la, a coloca como algo que produz as pessoas, as coisas, o mundo. A palavra, para esse filósofo, é uma precária tradução das coisas, ela não representa essas coisas. As palavras ou a língua não se assemelham as coisas que elas nomeiam, mas não estão separadas do mundo.

Em *Hamlet*, por exemplo, a linguagem, muitas vezes, é incompreensível, pois William Shakespeare se expressa com riqueza de detalhes, de metáforas e de imagens poéticas de uma forma que revolucionou a língua inglesa da era elisabetana e que ainda hoje dificulta um pouco a sua leitura até mesmo no idioma original.



Vejamos a célebre frase proferida por *Hamlet*: “Ser ou não ser, eis a questão [...]”. Há segundo alguns estudiosos do teatro, duas exegeses fundamentais do monólogo: ou *Hamlet* está refletindo sobre o suicídio, ou está pensando em sua tarefa de vingar a morte do pai, matando Cláudio, o que possivelmente o levará a morte também. O solilóquio *To be or not to be* tem dado margem a um grande número de discussões críticas, centradas principalmente na questão de saber se *Hamlet* se inspira, primordialmente, em pensamentos de suicídio ou em pensamentos de oposição ativa ao rei.

A palavra, para Foucault, não tem função de descrição ou de representação; ela faz as coisas, faz a realidade, faz o pensamento, produz o poder. Tanto em *Hamlet*, quanto em *Medéia*, a fala produz poder. Ela não diz, ela faz; dessa forma, Foucault anuncia qual o limite que a língua verbalizada nos impõe. Questiona como o homem pode ser sujeito de uma linguagem. A linguagem se produziu, não existiu do todo sempre, para ele, ela não é a verdade sobre as coisas e diz que é possível pensar o mundo, a realidade para além da palavra rompendo assim, com a idéia da palavra como inquestionável e como verdade.

Como solo positivo desse pensamento foucaultiano, a linguagem, a representação e a história representam a constituição do discurso desse filósofo tendo, como referência, a arqueologia, teoria que ele constrói. Ao fazer essa arqueologia, traz à superfície toda a episteme de uma época que possibilita um determinado conhecimento construindo todo o arcabouço de saberes de uma determinada época.

Os elementos citados são produzidos, então, pela história natural, a análise das riquezas e a gramática geral, temas que norteiam o pensamento de Foucault em “As Palavras e as Coisas”. Para Foucault, a análise das riquezas, a gramática geral e a história geral vão aprioristicamente compondo o volume de conhecimento cedendo lugar às ciências humanas e colocando em debate não o homem em si, mas o que ele constrói, o que ele faz e o que ele diz.

Discute a idéia de representação que perpassa os três saberes citados com a linguagem como instrumento material que faz a ligação entre o signo material e a função, que faz a mediação entre o signo materializado e o sentido que esse material ordenado pela história, pela riqueza e pela gramática nos aparece.

Sendo assim, Foucault nos mostra, então, que, na Idade Clássica, não havia lugar para se pensar o homem, seria preciso a consciência moderna de um indivíduo para que o homem nasça possibilitando-lhes ser sujeito do conhecimento. Para ele, o homem é um conhecimento de duzentos anos, uma invenção da Idade Moderna que já é envelhecida, logo, o homem é uma invenção de si mesmo. A tese que Foucault defende é que as ciências humanas compreendidas como discursos articulam-se sobre outros discursos que lhes deu a possibilidade de nascer. Nesse discurso, Foucault levanta três momentos que julga importante: a similitude, a representação e a interpretação como idéia de historicidade e finitude.

Ao fazer essas análises, Foucault diz que o discurso na sua exterioridade, com seus enunciados, é sempre um acontecimento que nem a língua, nem o sentido podem esgotar inteiramente. Assim, é no teatro, a linguagem, por mais que extrapole o tempo, permanece imutável, torna-se imortal, conecta-nos com a alma poética da humanidade, tornando-se viagem avassaladora e permanente, mesmo que a palavra seja incompreensível para quem não entra “nessa viagem” da linguagem, das expressões, dos assuntos abordados.

160

Lições sobre a produção do conhecimento na pesquisa educacional em arte

E como há poder há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social.

Foucault não sistematiza nenhuma obra que se centre nas discussões sobre a Educação em específico, entretanto, em seus textos, podem-se abstrair sínteses que enredarão debates sobre a produção de conhecimento em Educação.

Pensar a produção do conhecimento nas ciências humanas, o sujeitamento do sujeito e a produção de subjetividades em Foucault é pensá-los também como uma forma de contribuição de suas reflexões para a produção de conhecimento na área da Educação, pois a construção de saberes lapida, depura o pensamento humano, problematiza o sujeito da linguagem, do trabalho e da vida.



Podemos pensar esse sujeitamento do sujeito na obra *Hamlet* apesar dessa obra shakespeariana na literatura teatral conservar a sua força, seu fascínio, que comove, instiga, emociona e faz pensar. Nesse sujeitamento, encontramos climas de tensão: complexidades de subenredos que entrelaçam antagonismos entre *Hamlet* e seu tio Cláudio, seus conflitos com a mãe, seu amor pela infeliz Ofélia, além das tensões e embates psicológicos.

É pertinente observar que em *Hamlet* podemos questionar acerca da produção do conhecimento: Que construção/interpretação do saber é criado para entender o homem? Como se constitui a produção do saber? Discutem-se o problema do conhecimento científico, os limites da ciência e do conhecimento, pautados na idéia de origem ou de nascimento?

Foucault, apesar da não sistematização da produção de conhecimento em Educação, já preconizava uma interface não indisciplinar entre Psiquiatria, Psicologia, História, Sociologia e Arte, dialogando com a produção que se deu/dar com a Filosofia, a Arqueologia, a Ética e a Moral, presentes nas relações sociais mediadas por ele para colocar em pauta o outro.

Construindo uma teoria do saber e discutindo uma teoria do poder, pensando e produzindo uma interpretação da sociedade a partir do controle e da vigilância, Foucault vai configurando e construindo uma produção de conhecimento em Educação. Essa edificação rompe com a noção de cronologia, de continuidade histórica, de tentativa de investigar a instabilidade social, a partir de modelos da produção de gestão de poder imbuídos nas instituições, a exemplo das instituições educacionais. (FOUCAULT 1979; 1987).

Essa construção não linear, pautada não na origem, mas no nascimento, permite-nos relacioná-la ao campo educacional. Primeiro, foi a demonstração de que, no século XIX, a loucura foi transformada em doença mental; em seguida, a determinação do nascimento da clínica a partir da articulação da medicina com a anatomia patológica e o hospital; depois, a explicitação das condições de possibilidades das ciências humanas que mostrou ser o homem uma invenção recente no campo do saber, mais recentemente, a descoberta da prisão como instituição da modernidade e, por fim, a sexualidade reprimida com o advento do capitalismo.

Ao analisar esses campos de saberes, Foucault tem como tema central a questão do poder nas sociedades capitalistas. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente,

comenta o filósofo; logo, significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona e o indivíduo, de forma geral, é uma produção do poder e do saber; o poder, dessa forma, é produtor de individualidades. (FOUCAULT, 1979).

Foucault não se limita ao nível do discurso, suas análises procuram se centrar nos espaços institucionais de controle, tais como: o hospital, a carceragem, a escola. É o hospício que produz o louco, a carceragem à delinqüência e a escola a vigilância hierárquica enquadrando a sociedade num campo disciplinar, ou ainda, nas palavras do autor,

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital, da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito. (FOUCAULT, 1987, p. 121).

Foucault não invalida o passado, responde como os saberes apareciam e se transformavam; para ele, toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado, de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu inacabado, sua particularidade. A idéia básica de Foucault é de mostrar que as relações de poder não se passam fundamentalmente nem ao nível da loucura ou da não loucura, do direito ou da violência, da retenção do conhecimento institucionalizado ou não.

Se tomarmos essa idéia de poder para o campo da Educação, veremos que, nela, está imbuída, talvez mascarada, a disciplina como um tipo de organização do espaço e controle do tempo, a vigilância como instrumento de controle, a ação sobre o corpo e seu adestramento ao comportamento, a interpretação do discurso com sentido de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar. O poder no campo da Educação assume-se como um saber, como um conhecimento científico ou ideológico, implicando, mutuamente a constituição de um campo de saber, constituindo-se em novas relações de poder.

A grande lição que Foucault nos deixa da verdade e da ciência é a desconstrução dessa verdade e dessa ciência e nos coloca ao desconstruir essa verdade o poder da ciência. O poder, para ele, é explicitado pelo poder que está na constituição do conhecimento científico que sujeita o sujeito na produção do sujeitamento. A idéia desse sujeitamento é de que a língua produz



o outro que produzimos em nossas pesquisas e ao produzirmos o outro poder está nos contrapondo a ele a ajudar na reprodução de um discurso científico.

Do ponto de vista da área do conhecimento, esse pensamento foucaultiano, explícito em *Vigiar e Punir* ajuda a pensar que a escola não é um dissoluto, ela é uma invenção romana e, como tal, ela pode ajudar para a barbárie. As idéias que Foucault nos traz em *Vigiar e Punir* são interessantes porque ajuda a pensar, como ele pensou a carceragem, como nasceu a escola, a serviço de quem está a pedagogia; ajuda a pensar sobre a instituição escolar que é pensada por um conhecimento científico que é a pedagogia que tem a autoridade de falar sobre ela. (FOUCAULT, 2004).

Foucault nos ajuda a pensar na produção do conhecimento científico em Educação, quando trata da configuração da instituição e como isso vai se constituindo o poder de determinadas pessoas. Pensar as experiências que esse filósofo faz do discurso da clínica com a discursividade na Educação, é pensar na ciência pedagógica vinculada à escola e como as pessoas que estão no seu interior legitimam esse discurso em saberes que geram poder.

Pensar sobre a ciência pedagógica e sua relação com a instituição escolar é referendar a pedagogia estruturada na racionalidade sobre a escola. Essa racionalidade produzida pode ser encontrada nas pesquisas que fazemos, nas produções acadêmicas. Nesse sentido, é que a produção desse conhecimento nos ajuda a pensar que tipo de ação é provocado com os enunciados de um texto produzido pelas relações de poder e saber produzidos e em produção pela ciência pedagógica. (FOUCAULT, 1987).

Uma outra lição que Foucault nos deixa para pensarmos a Educação é que a história não é recorrente, ela é descontínua; ajuda-nos a pensar sobre a escola para além dela, ou seja, refletir sobre a escola é refletir sobre a vida.

As relações que fazemos com a Educação é que a escola não está suspensa em si, ela não está solta, está em conexão com inúmeros sistemas; ela não é algo isolado. É refleti-la como um elemento ligado a "objetos" da Educação numa teia de elementos que permeiam o processo educativo. Assim, a história contada pelos educadores fica mais conseqüente, tem-se a idéia de história.

Cogitar esse pensamento de Educação e de escola é também perceber o distanciamento feito pelos educadores da língua e da representação no espaço escolar e no mundo vivido. Essa cogitação nos faz ponderar sobre

os recursos aos quais nos faz recorrer para escrevermos sobre os “objetos” da Educação, sobre a linguagem que representamos, sobre a relação sujeito e objeto em que o homem se transforma em objeto do conhecimento quando inaugura a teoria do sujeito e aborda o outro dentro dele mesmo; o sujeito que sujeita o sujeito que nos remete para a questão ética.

Para Foucault a pesquisa deve ser sempre instruída por todos os enunciados que o pesquisador tem em mãos. O uso desse vasto material, nos faz romper com um certo prurido em manipular ‘dados’ freqüentemente não trabalhados pelo historiador, como a literatura, a pintura, a música, o desenho, um esboço, um estatuto, um filme. Trata-se de se valer de todas as produções culturais que possam estar enredando respostas às questões sem, necessariamente, as amarras de uma teoria. (ARAÚJO, 2001, p. 19).

Nesse caso pensamos: Que sujeitos sujeitados construímos na Pedagogia, na Arte e na Educação? O que fazemos quando construímos o professor, quando construímos o aluno? As lições foucaultianas nos fazem lembrar das peças citadas quando descreve, irrompem acontecimentos, permitem ser repetido, sabido, esquecido, transformado e, até, apagado.

Pensar sobre as subjetividades estigmatizadoras que criamos dentro da pedagogia e que reforça nossos discursos é refletir sobre uma prática discursiva sobre o pensamento pedagógico e a verdade, sobre através de que jogos de verdade o pensamento pedagógico produz a verdade.

Pensar a Educação como prática discursiva e do poder como ordem do discurso que pode produzir visões estigmatizadoras do outro, nos ajuda a pensar o que ganhamos quando produzimos o outro que “produzimos”, como o outro tem sido produzido por nós quando construímos conhecimentos.

Ao analisar os textos acadêmicos sobre os professores, por exemplo, nos deparamos, em geral, com uma certa arrogância em falar em nome dos professores, em dizer o que são, o que devem e o que não devem fazer, onde erraram e o que devem corrigir. Parecendo conhecer ‘verdadeiramente’ o professor, seus autores se colocam como ‘legítimos’ representantes deles. Este tom – eu sei de quem estou falando –, se agrava ainda muito mais quando estes escritos, se valendo de uma suposta metodologia que dá a palavra ao outro, deixando-o se expressar em entrevistas ou depoimentos livres, fazem seus recortes arbitrários, interpreta as falas do



depoente à sua revelia e concluem: é ele mesmo quem disse que [...]. (ARAÚJO, 2001, p. 21-22).

Instala-se, assim, micro-poderes dos quais fala Foucault (1979) trazendo a idéia de que eles estão em todos os lugares e de que deles ninguém está salvo. Ao tratar desses micro-poderes, Foucault dá voz aos silenciados não garantindo lugar que lhes mereciam, mas talvez construindo uma nova pedagogia estigmatizadora para esses sujeitos. O pensamento foucaultiano nos faz refletir sobre o lugar de onde o discurso é discutido; enfim, nos ajuda a pensar sobre o nosso papel de educadores, em o que fazemos ao produzir a ciência, e nos ajuda a pensar na parceria, na cumplicidade e na forma política em favor dos silenciados.

Referências

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva. A pesquisa em educação e a análise da discursividade de Michel Foucault. **Amazônida**, Manaus, v. 6, n. 2, p. 9-24, 2001.

EURÍPIDES. **Medéia**, as bacantes. Tradução Miroel Silveira e Junia Silveira Gonçalves. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento das prisões. Tradução Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **As palavras e as coisas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O nascimento da clínica**. Tradução Roberto Machado. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **História da loucura**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976.

STRATHERN, Paul. **Foucault**. Tradução Cássio Boechat. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

Prof. Ms. Marcilio de Souza Vieira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação | UFRN
Integrante do Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento
E-mail | souvyer@yahoo.com.br

Recebido 21 ago. 2008

Aceito 03 dez. 2008